

Canção tristíssima: triangulações e proibições encontradas num bilhete de outrora

DEVASTATED CHANT: TRIANGULATIONS AND PROHIBITIONS
FOUND IN A NOTE FROM ANOTHER TIME

Ligia Gabarra

Resumo • Abstract

“Medite um pouco: um rapaz vem à casa de uma moça, apanha-a em um auto e sai.” Assim, começa um bilhete encontrado dentro de um livro de poesias dos anos 1950. O presente ensaio se dedica a encontrar relações entre essa pequena carta escrita em alguma década passada com alguns aspectos da teoria freudiana, mais especificamente os conceitos de feminilidade, inveja do pênis e tabu da virgindade.

“Meditate a little: A boy comes to a girl’s house, picks her up in a car and leaves.” Thus begins a note found inside a book of poetry from the 1950s. This essay examines this short letter written a few decades ago and relates it to some aspects of Freudian theory, more specifically the concept of femininity, penis envy and the taboo of virginity.

Palavras-chave • Keywords

Feminilidade; tabu; virgindade; Édipo; inveja.
Femininity; taboo; virginity; oedipus; envy.

Cantor eu sou por natureza.
Poeta, por desculpa de não saber cantar.
Por isso, eu peço, minha amiga,
Mil perdões por não vos dar,
Em vez de uma canção de linhas curvas
Tão-sòmente êstes poemas retilíneos
Feitos de esquinas desiguais.

(*Explicação*. Carlos de Queiroz Telles)

Foi por volta de 2005, em um sebo, que adquiri um livro de poesias e encontrei este bilhete dentro. O livro é *Vinte poemas acidentais*, de Carlos de Queiroz Telles. Trata-se da primeira edição, de 1957. Há um autógrafo do autor no primeiro poema, este que uso como epígrafe. Transcrevo o bilhete:

Medita um pouco:
Um rapaz vem à casa de
uma moça, apanha-a em
um auto e sai.

Ele, se fôr direito, só pôde
Achar que nossa família
Não vale nada – é indecente.

Se não fôr direito V.
Não deve sair com ele,
de casa a uma hora em que
Uma menina decente deve
Entrar.
Estou tristíssima.

Primeiro, acho essa carta um pequeno tesouro. O texto tem um certo lirismo próprio na escolha de palavras, no ritmo e no desenvolver da história. Mantenho a ortografia com a qual foi escrita, seja o esquecimento de algum acento, ou o acréscimo de outro, grafia talvez típica de outrora. É possível que essa carta nunca tenha sido enviada, ela não tem remetente e nem desti-

natário, mas supomos que se trata de duas mulheres, chamaremos elas de a Autora e a Moça, respectivamente. Elas formam um triângulo comigo e também com quem quer que venha ler a carta, chamaremos esse vértice de a Leitora. Há, ainda, outro personagem que triangula nessa história, o Rapaz. O bilhete propõe uma cena. Talvez a Leitora possa se identificar com a Autora ou com a Moça, talvez com as duas. É possível que seja uma cena muito familiar às moças crescidas em casas, onde carros chegam e partem. A Autora fala de deveres, de decência, de valores familiares e de ser apanhada. Ela fica tristíssima. Desde que encontrei esse bilhete, ele me acompanha, como um poema cheio de mistérios.

O presente ensaio se dedica a pensar neste bilhete, escrito, provavelmente, entre os anos 1950 e os 1990, e relacioná-lo ao que Sigmund Freud descreve sobre inveja do pênis, sobre a feminilidade e sobre a virgindade. A carta ilustra alguns aspectos sobre o feminino descritos por Freud em *Feminilidade* (1933) e em *Tabu da Virgindade* (1917), bem como suscita imagens que trazem interrogações às mesmas teorias.

Começo por observar as escolhas da escrita. O bilhete parte de uma hipótese: “Medite um pouco”, como se convidasse a Leitora a assistir a uma cena. Ela nos chama a observar de fora este evento: “um rapaz vem à casa de uma moça, apanha-a em um auto e sai”. Será um tipo de mito fundador? Talvez não possamos dizer assim, mas é uma situação recorrente, Rita Lee e Roberto Carlos² cantam sobre os perigos e as delícias contidos na premissa de uma moça entrar no carro de um rapaz. O automóvel pode ser perigoso, atravessando curvas em alta velocidade, mas também pode ser um lugar alternativo para o encontro amoroso. O carro não é nem a casa da família, onde quem pode ter encontros românticos são o pai e a mãe; e nem a rua, onde a presença de terceiros pode atrapalhar.

No início da carta, não se fala ainda em entrar num carro, mas em “ser apanhada num auto”: a Moça é colocada num lugar demasiadamente passivo. ‘Apanhar’ pode descrever a colheita de frutos, mas também tomar uma surra. Quem apanha é sempre objeto. O Rapaz apanha a Moça, e ele pode ser direito ou não direito. Um rapaz direito pode estar fora de casa no horário em que uma moça decente deveria entrar. O rapaz direito pode,

[2] Roberto Carlos canta: “Entre no meu carro na Estrada de Santos e você vai me conhecer” (1969), e Rita Lee “Não tenho grana pra pagar um motel/ Não sou do tipo que frequenta bordel/ Você precisa me quebrar esse galho /Então, me empreste o carro /Papai, me empreste o carro/ Pra poder tirar um sarro com meu bem” (1979).

inclusive, julgar a família toda da Moça por conta do comportamento dela. O rapaz direito pode sair com uma moça decente e indecente sem que isso prejudique o valor de sua família.

No segundo parágrafo, além de começar a estabelecer uma lógica econômica de valores familiares, a Autora se revela. Ela falava, até então, de uma cena hipotética, com ‘uma’ moça e ‘um’ rapaz, sujeitos indefinidos. Mas então a Autora determina sua relação com a Moça: a família cujo valor está em jogo é a “nossa”. Autora e Moça são parentes e a cena relatada deixa de parecer uma hipótese e se torna uma suposição, um blefe ou uma acusação de algo que já aconteceu ou que ainda pode vir a acontecer.

Qual seria a relação entre elas? É difícil determinar, mas a ausência de nomes nessa carta parece ser um traço muito importante dessa situação. Um bilhete dentro de um livro, endereçado, provavelmente, a alguém que sabe do que se fala ali e que conhece o remetente. Na lógica estabelecida pela Autora, as leis de comportamento descritas parecem evidentes, o bilhete é enfático. Me pergunto, por que essas regras devem ser passadas com tanta certeza e ao mesmo tempo com tanto mistério.

No último parágrafo, a Autora desiste de qualquer distanciamento e determina a Moça como alguém que deveria ser “decente”, grifo dela. Termina a carta com uma frase que é praticamente uma assinatura: “Estou tristíssima”. A letra é até mais inclinada nesse trecho, como se tivesse sido escrita num suspiro de alívio. Ela não precisa se identificar para que fique evidente que as restrições da decência lhe tocam profundamente o afeto.

O que leva a Autora a ficar tristíssima? Ela está preocupada com o bem estar da Moça, com o valor de sua família, mas também, há qualquer coisa em estar “tristíssima” que conduz a Leitora a supor, que, talvez, a Autora também gostaria de ser apanhada num auto ou, ao menos, ter a chance de decidir entrar ou sair de casa numa hora decente. Existe a hipótese de um ciúme. Ela pode ficar tristíssima também por não ser alvo de reprimendas tão elaboradas. Não podemos deixar de pensar que o ciúmes pode ser, na verdade, do Rapaz. Talvez a Autora goste mesmo que a Moça cometa indecências dentro de casa; quem sabe pode haver uma inveja por competição sobre quem seria mais decente aos olhos de um parente ou de uma figura de

autoridade. Enfim, há diversos caminhos para o ciúmes e para a inveja. Cientes de que não diferenciamos muito bem esses dois afetos e de que também nossa asserção sobre eles dentro dessa carta é uma mera especulação, adentramos no campo psicanalítico, Freud vai atribuir a esses dois sentimentos uma certa predominância na psique feminina.

Não se pode duvidar muito da importância da inveja do pênis. Tomem como um exemplo de injustiça masculina a afirmação de que a inveja e o ciúme desempenham, na vida psíquica das mulheres, um papel ainda maior que na dos homens. Não que essas características estejam ausentes nos homens ou que não tenham, nas mulheres, outra raiz senão a inveja do pênis, mas somos inclinados a atribuir a esta última influência o seu maior montante nas mulheres. (FREUD, 1933/2010, p. 281)

O autor não oferece muitos motivos para essa inclinação, tão pouco define a diferença entre inveja e ciúme, mas perguntamos: quais são as evidências que levam Freud a acreditar que a mulher é mais ciumenta ou mais invejosa? Como essa preponderância psíquica se manifesta no comportamento? Ele não lista exemplos e do caso contrário, o dos homens, não faltam evidências. Poderíamos suscitar, ao longo da história da humanidade, o excesso de feminicídios cometidos por homens e todas as guerras travadas por déspotas do sexo masculino sob desculpas passionais e pensar se esses não seriam indicativos de que a inveja e o ciúme masculino também têm manifestações impactantes. “Um exemplo da injustiça masculina”: Freud é capaz de admitir que sua asserção sobre a inveja é tendenciosa. É possível supor que essa preponderância era percebida na clínica de Freud, talvez as pacientes mulheres se ocupassem mais desse tema. Freud também afirma que a inveja do pênis não é a única fonte desse afeto. Homens também são capazes de senti-lo e, ainda, que existiria uma inveja anterior àquela do pênis, primária, presente entre os dois sexo.

Cometemos aqui uma dose de arbitrariedade ao atribuir este afeto à Autora nessa carta. Essas duas mulheres possuem toda uma relação que desconhecemos, temos apenas uma pequena fresta para bisbilhotar a partir deste bilhete. Entretanto, nes-

se conteúdo, onde tanto é permitido ao Rapaz e pouquíssimo à Moça, parece haver mesmo espaço para a discussão sobre a inveja do pênis. Antes disso, cabe descrever outro aspecto da feminilidade na obra freudiana, as metas passivas.

A supressão da agressividade, prescrita constitucionalmente e imposta socialmente à mulher, favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas, que, como sabemos, tem êxito em ligar-se eroticamente a inclinações destrutivas voltadas para dentro. De modo que o masoquismo é como se diz, realmente feminino. (FREUD, 1933/2010, p. 268).

Neste trecho, ele argumenta como as metas pulsionais femininas são predominantemente passivas, em comparação com as masculinas, que são mais ativas. Essa contrapartida, Freud atribui à função sexual de cada um: o homem tem um pênis que pode penetrar, e a mulher, uma vagina, que deve ser penetrada.

É verdade que tudo é descrito com uma dose de suposição e, como no trecho citado, além da designação sexual, tudo isso também é imposto socialmente. Essa designação pulsional dos gêneros se traduz em agressividade no homem e em masoquismo na mulher. O que remete ao que falamos sobre a carta: quem apanha é sempre objeto. O Rapaz pode sair de casa, dirigir um auto, pode achar que uma família não vale nada e também pode sair com meninas decentes e indecentes. A Moça só tem a opção de ser apanhada em um auto e sair ou não de casa.

A inveja é do pênis ou de tudo que se pode fazer quando se tem um? E essa posição passiva e limitada, onde as opções do que é possível são tão poucas, é atribuída à mulher por conta de sua constituição psíquica, formada a partir de seus genitais, ou é uma limitação imposta a quem tem esse sexo?

Passamos a contemplar a inveja do pênis. Para Freud (1933/2010, p. 280), essa é uma contrapartida feminina da castração, o evento fundador de uma instância psíquica moral, o Superego. A dissolução do complexo de Édipo depende da castração, o menino recalca seu desejo, pois teme perder o falo. Já para a mulher, essa formação tão importante dependeria dela ver, entender e desejar ter um pênis. Nas palavras de Freud

(1925/2011, p. 291), “ela viu, sabe que não tem e quer ter”. Freud (1933/2010, p. 286) chega mesmo a dizer que as mulheres têm uma moral menos severa por conta da fragilidade desse corte psíquico, desse tipo de castração, que é a inveja do pênis. Talvez caiba perguntar como um ser que tem metas predominantemente masoquistas pode ter a moral menos severa: existe aí algum tipo de contradição?

Uma parte orgânica da mulher que sofre uma ruptura é o hímen. Essa carta talvez fale sobre isso também. O perigo de ficar sozinha num carro, da indecência que isso simboliza, do valor da família a ser perdido é de que a Moça deixe de agir de forma direita. Que ela perca sua virtude, e de maneira mais gráfica, que seu hímen seja rompido. A castração não seria sobre isso? Uma série de afetos e ideias simbolizadas na ruptura de uma parte genital? Freud (1933/2010, p. 286) propõe que a castração feminina se dá em tempos diferentes da do homem, de forma retroativa: ela percebe que já foi castrada, isto é, que não possui um pênis. Assim, também, o rompimento do hímen parece ter um tempo bastante diferente da castração atribuída ao menino, bem como uma estigmatização socialmente imposta que não privilegia o feminino.

O menino percebe o seu pênis desde muito jovem, passa a compreender os limites impostos à sua libido como uma ameaça à amputação desse órgão. A menina não sabe da existência do hímen tão cedo. Não é algo que se possa investigar com tanta facilidade, não é um pênis, com o qual um garotinho muitas vezes percebe o mundo. Em *Tabu da virgindade* (1917/2013), Freud descreve cenas ritualísticas de rompimento do hímen em diversas sociedades. O teatro atribui um valor a essa ação. O valor do rompimento do hímen é social, representa a possibilidade de um homem rasgar esse tecido sem ser castrado. Assim como a inveja do falo, a importância do rompimento do hímen parece partir de um ponto de vista masculino e também faz parte de uma sociedade, na maior parte das vezes, falocêntrica.

Maria Rita Kehl (2018) aponta o absurdo deste texto em que Freud atribui à frigidez feminina um dos motivos do rancor em relação à noite de núpcias. Freud, que ouviu tantas mulheres, parece acreditar que o desprazer feminino ao ser desvirginada viria de uma falha dela ou da impotência dele.

O medo, a agressividade, a dor que a mulher pode sofrer ao ter relações pela primeira vez ou até mesmo o choque dela ao ver seu sangue – pois o choque do homem é bem elaborado pelo autor – não são levados em consideração. Há um silenciamento profundo sobre o que ela sente nesse momento. Enquanto Freud diz que não há motivo para tanto segredo quando se fala sobre sexo, ele não escuta a angústia feminina nesta cena (1917/2013. p. 379). Como Kehl relembra, muitas vezes, essas mulheres chegavam desavisadas ao leito nupcial, não sabiam o que poderia acontecer.

Freud (1917/2013. p. 365) abre o mesmo texto dizendo “a valorização da virgindade, por parte do homem que faz a corte, parece-nos algo tão firme e evidente, que quase ficamos perplexos ao ter que fundamentar esse juízo”. Ele fala sobre algo que é certo, mas que, ao mesmo tempo, não é tão simples de fundamentar; algo que é sabido na consciência, mas cuja razão inconsciente é mais difícil de desvendar. Mesmo assim, logo no início do texto, ele propõe uma hipótese: o tabu da virgindade, a necessidade de casar-se com uma mulher que não foi deflorada, parte de uma lógica de posse (Idem). Ele fala de uso exclusivo, mas não pensa na subjetividade do objeto desvirginado.

Ao que voltamos à carta. Nela existe uma veracidade sobre a decência e o que é direito, semelhante ao que Freud diz do tabu da virgindade: é difícil de fundamentar, apesar de ser firme e evidente. Não é necessário explicar porque uma moça deve ser decente, por que ela não deve entrar num auto com um rapaz; não é descrito o que é uma hora decente e, principalmente, não se explica porque tudo isso pode constituir o valor de uma família. A intensidade da carta parece constatar que o hímen dessa Moça segura toda honra de uma geração como uma barragem hidráulica. Assim como são atribuídas diversas fantasias ao falo, ao rompimento do hímen também são investidas diversas imagens inconscientes.

É possível que esse aspecto do tabu da virgindade, daquilo que é sabido, mas de difícil fundamentação, seja uma característica de todo tabu? Retomamos o aspecto secreto dessa carta. A Autora escreve um bilhete secreto, não sai gritando pela casa – nem teríamos como saber a respeito. Supomos que ela não quer fazer alarde, afinal, o valor da família está em jogo.

Desconfio que a Autora recorra à comunicação anônima, pois a família em questão não está ciente dessa hipótese de chegada e de saída de autos. A Autora repreende, julga, mas também encobre e é cúmplice. É por conta dessas características, dessa relação de certa autoridade e de certa cumplicidade, um cuidado que também parece competição, que me levam a pensar que essas duas não são mãe e filha. Parece haver uma relação de parentesco mais horizontal.

Pedro Ambra (2020) aborda o Complexo Édipo descrito por Freud, bem como seu desenvolvimento desde então, como uma teoria muito focada na figura do pai. Passa, então, a pensar que essa triangulação pode ocorrer entre semelhantes, quer dizer, o Complexo de Édipo também pode acontecer entre irmãs, entre amigos, entre o sujeito e os objetos que não são seus pais. Objetos que por vezes são internalizados com mais horizontalidade do que os pais, mas que oferecem muita referência ao sujeito e também podem gerar imagens superegoicas. Há de se supor que a Autora pode se preocupar com o valor da família, pois isso lhe impacta diretamente. Talvez ela também esteja disponível para a mercadologia do matrimônio e, na medida em que a Moça desvaloriza a família, o dote social da Autora é esvaziado proporcionalmente. Por outro lado, se a Autora teve o conhecimento sobre a decência de forma tão misteriosa e secreta, como explica à Moça, é bem possível que a Autora também não saiba muito bem o que se passa dentro de um auto, qual é a extensão simbólica do que é ser apanhada ou por que um hímen é tão valioso. Como é comum entre crianças, a mais velha ensina a mais nova com muita autoridade, mas nem sempre com tanta experiência.

É nesse desconhecimento sobre os perigos atrelados ao que esse corpo pode vir ou não a fazer que comportamentos ficam proibidos; não se sabe o que é permitido ou por que é permitido, bem como também não é muito adequado perguntar. Nessa lógica de proibições secretivas, o leque do que é permitido à Moça fica muito restrito. Ela pode entrar e sair, ela pode ser apanhada ou não; mesmo no que pode, há um perigo enorme de condenação. A mulher como um todo é um tabu, Freud (1917/2013. p. 373) conclui, ao falar sobre a virgindade. Há tanto o que proibir que não sobra sujeito além daquilo que é perigoso. Essa Moça

não tem tantas opções de escolha, mas a responsabilidade designada a esse pequeno tecido escondido em seu canal vaginal é colossal e também difusa, incompreensível; faz parte de uma lógica muito difícil de se destrinchar em voz alta, melhor refletir por meio de comentários anônimos.

Por outro lado, com o passar do tempo, e com a ajuda do olhar de outras Leitoras, passei a pensar que, sim, essas duas poderiam ser mesmo mãe e filha. A competição, a cumplicidade, a inveja e o ciúmes também podem estar presentes nesse tipo de relação. Uma mãe muitas vezes pode ensinar uma filha sobre deveres e decência da mesma forma secreta e misteriosa com que ela aprendeu. A mãe emprega o seu próprio narcisismo na criação de uma filha (Freud 1914/20, p. 36), enxerga a bebê como uma extensão de si mesma. Quando a filha quebra, ou está disposta a romper com as lições ensinadas pela mãe, a relação narcísica sofre, e o ideal de filha criado na psique da mãe é prejudicado. Eis mais uma razão também para ficar tristíssima.

A relação entre essas duas mulheres é certamente mais complexa do que temos acesso pelo texto dessa carta, mas existe algum tipo de pacto descrito nesse bilhete que ilustra muito daquilo que foi desenvolvido por Sigmund Freud. Há um acordo implícito, algo que é certo, que não precisa ser muito bem explicado sobre o que uma moça deve ou não fazer, sobre o que é decência, sobre qual deveria ser o comportamento de uma moça. As metas devem ser passivas para poderem ser decentes? Essas são as metas da Moça ou são as proibições que são impostas a ela? A moça é repreendida, pois parece mesmo desejar sair de casa. A inveja ou o ciúme que supomos é menos sobre o Rapaz e mais sobre a relação entre as duas. Naquilo que está descrito sobre a decência, há um subtexto sobre a virgindade, sobre a importância de conservar o hímem e como isso representa o valor de uma família. E apesar de termos defendido que toda essa lógica é falocêntrica, criada por um imaginário que privilegia o masculino, todas essas imposições são descritas de forma sucinta e secreta por uma mulher, muito provavelmente porque ela está inserida neste mesmo pacto, porque ela aprendeu o que era a decência assim. Eis mais um caminho para a inveja: a Moça, diferente da Autora, é capaz de transgredir aquilo que lhe foi imposto como regra.

Em *Deslocamentos da feminilidade* (2007), Maria Rita Kehl faz um rico apanhado sobre o conceito de feminilidade desde a Revolução Francesa até os tempos de Freud. Ela indica que a psicanálise nasce num momento em que a posição imposta à mulher socialmente já é bastante questionada em teoria, também ressalta que a bibliografia e a prática psicanalítica abrem caminho para um grande desenvolvimento dessa discussão e, mesmo assim, cometem diversas injustiças (p. 257). Como exemplo, ela descreve que existe um certo fetiche, quando Freud fala sobre a mística feminina, sobre como é difícil entender o mundo das mulheres.

Há um mistério naquilo que é desconhecido, ao mesmo tempo em que existe uma recusa em querer saber, em investigar mais a fundo, em questionar aquilo que se tem certo (p. 199). Cabe ressaltar também, que em *Feminilidade*, Freud sempre deixa espaço para dúvidas e conta como certas acepções psicanalíticas foram modificadas a partir de mulheres que passaram a contribuir com essa teoria (1933/2010, p. 286). A inveja do pênis como cerne da castração feminina talvez tenha sido sobrepujada por tantas contribuições à teoria psicanalítica desde os tempos freudianos. Ainda assim, ela tem sua inscrição na história dessa prática, e a revolta que ela inspira é signo também de que esse conceito tem suas capilaridades até hoje, seja porque o falo pode causar inveja ou na forma que ele é capaz de oprimir. Afinal, como não sentir inveja daqueles que possuem privilégios pela simples posse do pênis?

Por fim, como foi dito anteriormente, os pactos estabelecidos nesta carta são bem específicos, falam de um social onde o poder aquisitivo possibilita a entrada e saída de autos. De forma simples, carros são, e sempre foram, caros. Mulheres que podem escolher em que autos entram possuem privilégios. Famílias que se preocupam em manter os seus valores muitas vezes são abonadas financeiramente. Usam seu dinheiro também para ostentar sua decência. É muito caro manter uma moça dentro de casa. Muito ainda poderia ser dito sobre essa carta estar inserida numa lógica binária e heteronormativa. Entre a Moça e o Rapaz uma série de performances de gêneros ficam de fora deste carro. Ao que chegamos ao fim, pois esse recorte se trata mesmo de um pacto que está inserido em um determinado nicho social e que talvez nos conte como a subjetividade de uma pessoa, as instân-

cias superegoicas e suas escolhas objetais sejam frutos de leis inconscientes que são formadas, em grande parte, pelo contexto social onde vive a sujeita. Há de se ficar mesmo tristíssima.

Referências

- AMBRA, P.** Aquém do pai? Sexuação, socialização e fraternidade em Freud. In.: *Freud e o Patriarcado*. São Paulo: Hedra, 2020.
- CARVALHO, R.; LEE, R.** *Papai me empresta o carro*. Rita Lee 1979. EMI Records Brasil Records Ltda; Universal Music Ltda. 1979. Disponível no Spotify.
- CARLOS, R.** *As curvas da estrada de Santos*. Roberto Carlos 1969. Sony Music Entertainment Brasil Ltda 1969. Disponível no Spotify.
- FREUD, S.** A feminilidade (1933). In.: *Obras completas* (vol. 18). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2013.
- _____, **S.** Introdução ao Narcisismo (1914). In.: *Obras completas* (vol. 12). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.
- _____, **S.** O Tabu da Virgindade (1917). In.: *Obras completas* (vol. 9). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2013.
- _____, **S.** Sobre a sexualidade feminina (1931). In.: *Obras completas* (vol. 18). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.
- KEHL, M. R.** Freud e as mulheres. In.: *Amor, sexualidade, feminilidade*. *Obras Incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- _____, **M. R.** *Deslocamentos do Feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- TELLES, C. Q.** *Vinte poemas acidentais*. São Paulo: Livraria Martins, 1957.